

**Rubem Braga**

RN 318  
CM 23.4.58  
Radio 30.12.61  
JB abril 65

# SÔBRE CASAS E O VERÃO

**A**SSISTO, há uma semana, à demolição de uma casa em minha rua. Era uma casinha branca, boa, de janelas azuis, com sua trepadeira na varanda, sua garagem coberta de heras, suas acácias e tinhorões. Dá pena ver destruir tudo isso.

Uma esquina mais para baixo existe uma casa feia, de um amarelo sujo, antipática e ruim. Por que não a derrubaram? E logo adiante há um terreno baldio cheio de mato e lixo. Por que não construíram ali?

As perguntas são infantis. Mas por que não fazer perguntas infantis perante as coisas tão complicadas do mundo de hoje? Responderemos ao menino que perguntou: o homem que vai construir o edifício de apartamentos é dono dessa casinha branca de janelas azuis, e não da outra casa, nem do terreno baldio. Não importa que a outra casa esteja caindo de velha, nem que o terreno esteja desocupado, nesta cidade em que centenas de milhares de pessoas vivem no alto dos morros ou na lama dos mangues.

Onde moram — perguntaria o menino — êsses três pretos e brancos que estão derrubando a casa? Moram em barracos de caixotes e zinco, talvez no morro ali perto. Mas então por que, no lugar de derrubar a casa, êles não vão morar nela?

É evidente que temos de explicar à criança a organização da sociedade. E procuraremos apresentá-la como uma coisa racional, baseada em leis que visam o interesse

coletivo. Talvez não seja muito fácil. Teremos de explicar que a propriedade daquele terreno baldio é um fato natural, amparado por uma lei sagrada. Aquêlo pedaço de terreno pertence ao Sr. Rodrigues, assim como esta casinha pertencia ao Sr. Osório. A criança nos olhará um pouco espantada, e talvez nos pergunte se cada pessoa tem um terreno e uma casa. Seremos forçados a responder que não. E pararemos a conversa por aí, porque a organização do mundo, de nosso mundo de adultos, é uma coisa bela e engenhosa demais para entrar no entendimento de uma criança.

E mesmo não adiantaria explicar nada: para uma criança será sempre um crime derrubar uma casinha branca de janelas azuis com trepadeira florida na varanda.

\* \* \*

Chegou o verão, e há o que sempre houve: casais que estremecem, confusões conjugais e extra, ansiedade esparsa, caju <sup>de acácia,</sup> amigo, viagens bruscas, suaves delíquios, telefonemas esquisitos, noitadas vãs. Tudo isso é o verão, e o verão é a verdade do Rio.

Queimam-se as mulheres. Umas se fazem côr de cobre, outras se doiram, em outras repontam discretamente sardas ao longo do corpo, como estrêlas no crepúsculo. Reparem bem nesta comparação: é obviamente ruim, mas é tipicamente de verão, e o verão em si não é mau, nem bom. É a nossa profunda, verdadeira verdade. Soframo-la. *Gozemo-la.*

M 458-28. 1.61